

*“O menor de nossos atos repercute em profundezas infinitas e faz estremecer todos os vivos e mortos, de forma que cada um entre as milhares de criaturas humanas se encontre realmente **sozinho** na presença de Deus. Este é o abismo de nossas almas; este é o seu mistério.”*

(Léon Bloy, Pélerin de l’Absolu)

Aos amigos/irmãos Carlos Rodríguez Brandão
e Ivan Roberto Capelatto, que conhecem bem a
viagem essencial deste livro.

SUMÁRIO

Apresentação.....	13
Prelúdio.....	15
1. Despertamento.....	21
2. A grandeza da compaixão	31
3. Para merecermos o universo	37
4. Sabedoria.....	43
5. Isolamento e solidão	53
6. As garras do nada e a aurora do ser	61
7. Comunicação e vida na educação.....	71
8. Para o heroísmo nascemos	79
9. Precaver-se quanto ao estresse existencial	87
10. Deus	95
11. Conversação: o espaço humano.....	101
Interlúdio	109
12. Atitudes essenciais do viver.....	113
13. Você sonha de olhos abertos?	121
14. Solidariedade é mais do que sorrisos e mansas palavras	129

15. O amor de si mesmo	137
16. Para a grande viagem.....	145
17. De tentações e lutas	153
18. O incêndio das palavras e a brisa divina.....	159
19. <i>Mattinata</i> com rumor de anjos.....	167
20. O divino no meio do mundo humano.....	173
Poslúdio (Carta recebida do irmão de jornada) ...	181
Referências bibliográficas.....	187

APRESENTAÇÃO

ESTE É UM LIVRO, por assim dizer, desmontável. Isso porque, embora a variedade temática que o conforma, é dotado de uma organicidade que permite a leitura seguida – tema a tema; mas também o leitor e a leitora podem escolher abordagens com as quais mais se afinem.

É livro de espiritualidade, mas marcado por rigoroso ecumenismo – especialmente no âmbito cristão. Quiséramos que, nestas páginas, se desse uma confluência entre poesia e pensamento, intencionalmente construindo os textos ora mais poética ora mais reflexivamente.

Eis aqui uma viagem pelos caminhos da espiritualidade geradora de conversas e exposições que, no entanto, não se desejam ralas e de pouca consequência. Nada é aleatório na concepção deste livro; cada coisa está nele exatamente como foi concebida pelo autor. Inclusive alguma variação de registros na elabo-

ração dos textos é inteiramente intencional. Afinal, após bom tempo de experiência, todo autor aprende a conceber um livro e a redigi-lo exatamente segundo a concepção global.

Mentes e corações abertos haverão de fazer a viagem que é a metáfora essencial de todo o livro. Há sempre um caminho de luz em cada vida convidando as almas dispostas a trilhá-lo. Sóis e luas, poeiras e verdes, riachos discretos e chuvas generosas, tudo isso a revelar aos espíritos de boa vontade os gestos do Supremo Artista; tudo isso a conduzir às nascentes da sabedoria. É preciso que busquemos viver e morrer com graça. Com a graça capaz de fazer-nos plenos.

R.M.

PRELÚDIO

SÁBIO É AQUELE QUE jamais desconhece a extensão do que ignora. Isaac Newton, com sua grande alma de cientista, filósofo e teólogo, disse a uma pessoa em seu leito de morte que se sentia como uma criança que passara longo tempo à beira do mar, ajuntando na praia algumas conchas muito lindas, sabendo que, naquela imensa massa de água, uma quantidade incalculável de conchas mais bonitas nunca seria conhecida por ele. Eis por que o sábio é necessariamente humilde.

Há uma diferença entre manipuladores de emoções, virtuosos de palavras e imagens que se põem na praça pública a ensinar como sábios, e os que, trazendo marcas profundas do viver e tendo mantido abertos o coração e a mente para as dores humanas, propõem uma prosa de companheiros como convite a uma avaliação dos músculos e do sangue da vida. A fala dos primeiros tem ruído e corte, a conversa desses últimos cai como os orvalhos nos campos.

Exercícios de sabedoria são como certas músicas de câmara, tocadas introspectivamente em instrumentos de cordas sob a graça das meias-luzes, na sala mais interna do sentimento humano. Afinal, para que acrescentarmos tumulto a um mundo como o nosso, já de si tão tumultuado?

Queremos ausentar-nos da praça pública para alguns movimentos de alma, os quais chamaremos de “exercícios de sabedoria”. Vamos debruçar-nos sobre as grandezas e misérias humanas, sem alegrias prévias ou tristezas calculadas, apenas vestidos de compaixão e iluminados pela solidariedade – esses dois sentimentos capazes de transformar o mundo. Não haveremos de perguntar, equivocadamente, se são mais importantes as renovações íntimas ou as transformações estruturais do mundo; esse questionamento disjuntivo é mentiroso e nos pode condenar à paralisia do espírito.

De todo modo, peço-lhe que venha comigo; que não me deixe só e abandonado nas pedras e poeiras do caminho. Você verá que esses “exercícios de sabedoria” acabam envoltos em luzes e cores antes nunca vistas, pois que as nossas paisagens interiores brincarão com estradas, sóis e horizontes.

Quando eu era menino, olhava com paixão para o horizonte de serras que se recortavam contra o azul do céu. Cresci um pouco e me levaram lá nas distantes serras que me encantavam; então, abismei-me no que vi: mais mundo, muito mais caminhos, águas e

árvores, e, lá bem longe – numa distância feita de espanto – outro horizonte com outras serras. Adulto agora, sei que cada horizonte anuncia outro muito mais distante. E assim é a sabedoria; sábio talvez seja aquele que descobre o quanto lhe falta caminhar; descobre-o sem ira ou ressentimento, pois grande é a sua alegria ao ver que, o que já caminhou, poderá partilhar com outros viajores.

Santo Agostinho disse que é muito melhor um coxo a caminho do que um atleta assentado. Importante será, para os corações sensíveis, não serem encontrados distraídos na hora inarredável do seu julgamento. Então, venha comigo. Por mais que nos enganemos, que nos contemos mentiras, Ele nos espera lá no fim da jornada. Se caminhar-mos como é devido, teremos águas de repouso e campos verdes e Ele nos acolherá na paternidade dos seus braços.

“A fé é uma aposta radical”, dizia Pascal. Ora, todo jogador sabe que pode perder. Mas o jogo da vida é surpreendente, pois, ao fazermos nossa aposta em Deus, um par de possibilidades nos aguardará: ou tudo será nada, ao fim do caminho, ou a aposta terá dado imenso sentido ao nosso caminhar. Como fé é esperança, tal como nos ensina o Apóstolo Paulo, apostamos. Em nosso interior, não conheceremos a solidão dos descampados da finitude; e tudo será plenitude se, para além dos vales de desesperos e incertezas, encontrarmos os braços paternos nos quais tivemos a ousadia de apostar.

Terminamos um século turbulento e estamos iniciando outro em cujos primeiros anos nosso desamparo continua. Lá fora, estalam metralhadoras, silvam e explodem mísseis, troam bombardeiros. Tudo, talvez, porque não tenhamos cuidado de nossa interioridade com o empenho das vontades invencíveis, ou com a serena persistência das águas que contornam dificuldades.

Eis nosso convite: caminhemos juntos para um exercício de sabedoria que nos levará a muitos e diversos caminhos bordados de paisagens necessárias. Meditemos ao longo da jornada, enquanto podemos andar e fazer andar nosso espírito, sem que pensemos no espírito como fumacinhas imponderáveis mas o visualizemos como a essência do ser transfeita em um EU. Um EU que haverá, um dia, de integrar-se no TU-ETERNO, o qual, na verdade, é o único EU: o UNO.

Tudo o que não podemos é prosseguir necessitados de despertamento; tudo o que não queremos é essa névoa que às vezes nos dificulta os passos; tudo o que desejamos é que cada EU alcance a beatitude de um NÓS. Aí estará próxima a integração no UNO.

Enchamos os nossos embornais de comida, esperança e muita poesia. Sobretudo ponhamos em nossos alforjes a certeza de que a sabedoria estará sempre nos horizontes de depois do horizonte. Quando a manhã se anunciar sobre os ombros do mundo, com suas cores de transcendência, sairemos

no encaço de nós mesmos, de vez que nossa real verdade está no TODO.

Tudo será manso e silencioso como as passadas de Jesus ao lado dos seus discípulos na estrada de Emaús. Ou será saudoso e quieto como a crina ao vento do cavalo Kantaka levando o príncipe Sidartha para tornar-se o Buda.